



APLICATIVO PARA SMARTPHONE [TRANS]FORMAÇÃO¹

José Ilton Lima PORTO²
Larissa Batista de VARGAS³
Sara Alves FEITOSA⁴

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), São Borja, RS

RESUMO

O produto constitui-se de um aplicativo que aborda a temática transexualidade e educação. O aplicativo é uma extensão do documentário que trata do mesmo tema elaborado para o componente curricular obrigatório Telejornalismo III, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). O produto tem como objetivo servir de glossário para informar as diversas maneiras de se referir a uma pessoa LGBTT's, tais como: não confundir transfobia com homofobia, se referir a mulher transexual pelo pronome feminino “ela” e não “ele”, entre outros. O aplicativo TransFormação está disponível para download através do link <http://aplink.com.br/transformacao> e seu acesso é gratuito.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; travestis; transexuais; educação; aplicativo;

INTRODUÇÃO

Durante a elaboração de um documentário audiovisual com a temática: Transexualidade e Educação, na disciplina de Telejornalismo III do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), observamos em notícias e reportagens de alguns portais o desrespeito a identidade de gênero, de mulheres transexuais e travestis. Referem-se às mulheres trans e travestis como homens e as chamam pelo pronome masculino “ele”.

Alguns casos observados pela nossa equipe foram: A divulgação da foto da travesti Verônica com seu corpo nu e desconfigurado⁵. Vários telejornais e sites expuseram o seu

¹Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade PT 13 Comunicação e Inovação.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa- Campus São Borja, e-mail: ilton_lima20@hotmail.com

³ Aluna líder do grupo. Estudante de Graduação do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa- Campus São Borja, e-mail: larissa.vargas96@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Pampa – Campus São Borja, e-mail: sarafeitosa@unipampa.edu.br

⁵ <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/04/travesti-fica-desfigurada-apos-prisao-defensoria-diz-haver-indicio-de-tortura.html>

⁶ <http://noticias.r7.com/balanco-geral-manha/videos/novas-imagens-mostram-travesti-laura-vermont-agredida-na-rua-15102015>



nome de civil e usaram o pronome “ele” ao invés do “ela”, descaracterizando seu mundo feminino. Outro caso observado foi o assassinato da travesti Laura Vermont, 18 anos, que os jornalistas, mais uma vez, se referiram a ela como ele e usaram o termo homofobia no lugar de transfobia⁶.

Infelizmente, a maioria das notícias que envolvem pessoas trans e travestis carregam estigmas e estão relacionadas a violência. Segundo dados da organização Transgender Europe o Brasil é o país líder nos números absolutos de mortes de travestis e transexuais, de 2008 à 2014 foram 689 mortes. Tendo em mente que o Jornalismo contribui para a construção do imaginário social, decidimos elaborar um aplicativo que além de ser uma extensão do documentário é um manual para comunicadores de como se referir as pessoas LGBTT's.

OBJETIVO

O Aplicativo TransFormação tem como objetivo auxiliar os comunicadores no que tange as questões relacionadas a gênero, uma vez que enxergamos uma negligência por parte do jornalismo de referência⁷ em relação ao tratamento dado as transexuais e travestis. Confundem transfobia com homofobia, utiliza o nome civil em detrimento do nome social e muitas vezes as tratam no masculino. Por outro lado, o paper tem como objetivo descrever o processo da elaboração do produto jornalístico desde a pauta até a finalização.

JUSTIFICATIVA

A produção do aplicativo se justifica a partir da observação em notícias e reportagens de alguns portais o desrespeito às pessoas transexuais e travestis e sua identidade de gênero, pela carência de produtos jornalísticos que esclareçam e problematizem os verbetes e questões de gênero. Justifica-se também porque é uma responsabilidade do jornalista, segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros no Art.6º e inciso XIV que é dever do jornalista: “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza”. A Constituição Federal, no seu Art. 3º, inciso IV, afirma que o dever do Estado é “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

⁷ pode-se objetivar o Jornalismo de referência como aquele que serve interna e externamente de referência – tanto para a elite formadora de opinião, como para os meios de comunicação – sobre uma parcela do mundo público, qual seja, o país ao qual se dirige (ZAMIN, 2014, p. 939)



Sendo assim, a escolha pelo tema justifica-se também pela promoção do exercício da cidadania. Segundo Pena (2008), quando escolher um tema, deve-se pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Com o advento das novas mídias, a produção e consumo de informação foram alterados. As informações que até então chegavam até nós apenas por uma mídia, passaram a ter seu conteúdo distribuído entre diversas plataformas midiáticas. Este cenário é denominado por Henry Jenkins (2009) como a cultura da convergência.

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, p. 27, 2009)

Ao elaborar o documentário [TransFormação] e estudar sobre as questões de gênero, a equipe de produção observou que muitos comunicadores não sabem lidar com o tratamento das transexuais e travestis. E tendo em mente que a mídia também é TRANS, transmídia, o grupo elaborou um aplicativo que traz um guia para comunicadores. No aplicativo apresenta-se um manual com verbetes que esclarecem como se referir a cada gênero.

A narrativa transmídia, segundo Jenkins (2009), é o desenrolar de uma história por meio de diversas mídias, sendo que cada novo texto contribui de maneira distinta e valiosa para o todo. Então, além do documentário, quem se interessar pode acessar o aplicativo que traz as nomenclaturas e tira dúvidas sobre o tratamento no que tange as questões de gênero. Se a pessoa acessar só o documentário, ou só o aplicativo, ela vai entender do que se trata.

Uma das plataformas utilizadas pelos indivíduos para acessar produtos transmídia são os aparelhos de celulares. Criado com o objetivo de realizar e atender chamadas móveis em diferentes locais, suas funções alargaram-se, num único aparelho é possível realizar ações, que no passado, eram necessários quatro ou mais. A máquina fotográfica, a câmera de vídeo, o gravador, o relógio, foram condensados no mesmo suporte. “Há 30 anos, seria igualmente improvável pensar que um telefone móvel teria tantos recursos como os encontrados atualmente” (CANAVILHAS; SANTANA, 2011, p.54).

As plataformas móveis têm chamado atenção econômica e movimentado o mercado na criação de novos modelos de negócios recebendo investimentos de setores como



informática, eletrônico, telecomunicação, informação e entretenimento. Parece importante frisar que os *smartphones* aparecem como ferramenta chave na cultura da conexão (JENKINS, 2014) Para Castells (2003, p.66) a rede é a mensagem e a internet contribui para os novos modelos de negócios por meio da administração, da flexibilidade, da interatividade, do uso da marca, da customização e da escalabilidade.

O ambiente digital proporciona também uma praticidade aos profissionais na prática diária do trabalho. O envio e produção das informações podem ser feitos de qualquer lugar com conexão a internet. Os jornalistas, por exemplo, podem usar dos aparelhos de celulares para gravar entrevistas, imagens, áudio, escrever e armazenar textos. As equipes de reportagem ganham maior agilidade nas ruas, podendo enviar fotos e vídeos, tratadas e editadas no mesmo instante que foram capturadas.

A adoção de aplicativos, espécie de programas de computadores instalados em celulares e *tablets*, na rotina do repórter e editor, auxiliam na prática das ações possibilitando ganho de tempo e maior cobertura dos acontecimentos. O aplicativo produzido pela equipe se propõe a auxiliar o profissional em cobertura específica LGTT's. O uso de aplicativos móveis na produção jornalística relaciona-se com o conceito de jornalismo móvel (Pavlik, 2001) em que o jornalista usa a tecnologia móvel digital em redes móveis na rotina de produção jornalística.

Os aplicativos são programas específicos existentes nos celulares inteligentes (*smarthphones*), *tablets* e computadores móveis que funcionam como portas de entrada para um tipo de serviço oferecido. O usuário pode comprá-los ou baixá-los de formas gratuitas por meio de lojas virtuais existentes nos aparelhos. Criado por Steve Jobs, em 2008, para funcionar no Iphone, logo foi disseminado para outros sistemas operacionais (Barbosa, 2012).

A indústria criadora de aplicativos fatura bilhões anualmente, pois cada vez mais, as pessoas procuram pelos programas para soluções do cotidiano como fazer uma dieta, buscar uma receita, editar imagens, organizar eventos, entre outros. Além disso, emprega talentos criativos no Brasil e em todo o mundo. Na cobertura jornalística os aplicativos auxiliam no processo de construção da notícia. Desse modo, o aplicativo proposto funciona como fonte de consulta em coberturas específicas.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O aplicativo TransFormação é uma extensão do documentário que trata de transexualidade e educação.

Como aplicativo é uma plataforma acessível em qualquer *smartphone*, pensamos que seria o modo mais fácil para expormos o que não conseguimos tratar no documentário audiovisual. Assim, elaboramos pequenos vídeos com explicações de termos associados aos LGBTT's, explicados pelas próprias personagens do documentário, além de um manual para comunicadores.



O aplicativo pode ser acessado pelo QR code.

O aplicativo TransFormação conta com seis abas. São elas: Guia para comunicadores, Trans-Infomação, Bi-biblioteca, Links Úteis, Documentário e Mandar sua dúvida.



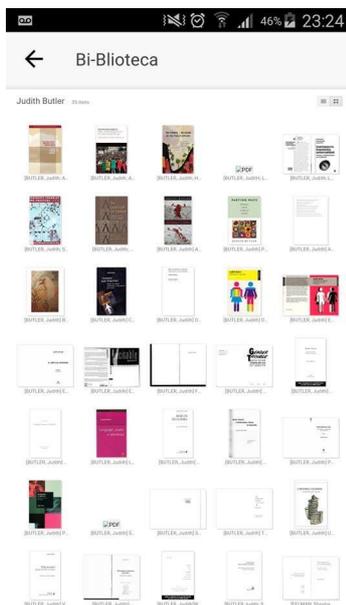
A aba “Guia para Comunicadores” traz 30 verbetes do universo LGBTQBT, organizados por ordem alfabética, para que o comunicador não erre na hora de se referir a pessoa. O objetivo é esclarecer dúvidas, evitar erros como confundir homofobia com transfobia, entre outros.



Na aba Trans-Informação você encontra vídeos explicativos, como por exemplo, a sigla LGBTQBT, os vídeos têm duração de menos de dois minutos e são explicados pelas transexuais que fizeram parte do documentário TransFormação, que trata de transexualidade e educação.



A Bi-biblioteca traz uma série de arquivos em formato PDF anexados no Google Drive.



Em “Documentário” há o link do documentário TransFormação, que está no YouTube.



Em “Links Úteis” o comunicador encontra links que são acessados diretamente ao site correspondente que permitem entender sobre o assunto que ele vai escrever. Assuntos como ética e jornalismo, gênero e raça são encontrados nessa aba.



E na última aba “Mande sua dúvida, vamos esclarecer as eventuais dúvidas que surgirem.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jornalistas são porta-vozes da sociedade. Com esse trabalho, entendemos que é nosso dever informar a população as maneiras corretas de tratar uma pessoa LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Não existe uma disciplina que trata de gênero e sexualidade na nossa graduação, mas reforçamos que é nosso dever exercer a cidadania, e como profissionais, devemos respeitar as diversidades.



A pessoa trans, por exemplo, deve ser identificada como quer. Se você está vendo uma figura feminina na sua frente, não tem porquê chamá-la pelo sexo masculino. Se você tiver dúvidas, não hesite, pergunte a pessoa como ela quer ser chamada.

O aplicativo traz pequenos vídeos com explicações sobre os termos do universo LGBTT com as personagens do documentário audiovisual.

Para nós, futuros jornalistas, foi uma experiência que nos ajudou a enxergar melhor as mulheres transexuais e travestis em nossa sociedade. Rompemos a barreira comum e fomos além. Demos vozes a um grupo marginalizado, prezando pelo jornalismo plural, demos foco ao assunto para diminuir a visão deturpada da sociedade e buscando sanar as dúvidas dos comunicadores. A produção do aplicativo contribuiu para nossa formação como estudantes de jornalismo e como cidadãos. Por isso criamos o aplicativo, uma plataforma simples e acessível, que qualquer jornalista pode acessar quando tiver dúvida de como tratar uma pessoa LGBTT.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Mariana Queiroz. **Os milionários dos aplicativos**. *Revista Isto É*, v. 2209, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** (1988). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 07/12/2015.

CANAVILHAS, João; SANTANA, Douglas Cavallari. **Jornalismo para plataformas móveis de 2008 a 2011: da autonomia à emancipação**. *Líbero* – São Paulo – v. 14, n. 28, p. 53-66, dez. De 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 1ª ed, 2003.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS (2007). Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1811>. Acesso em 07/12/2015.

JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Editora ALEPH, 2014

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.

ZAMIN, A. **Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão**. In: Revista Porto Alegre: Revista Facemos: mídia, cultura e tecnologia, v. 21, n.3. 2014, p. 918-942.